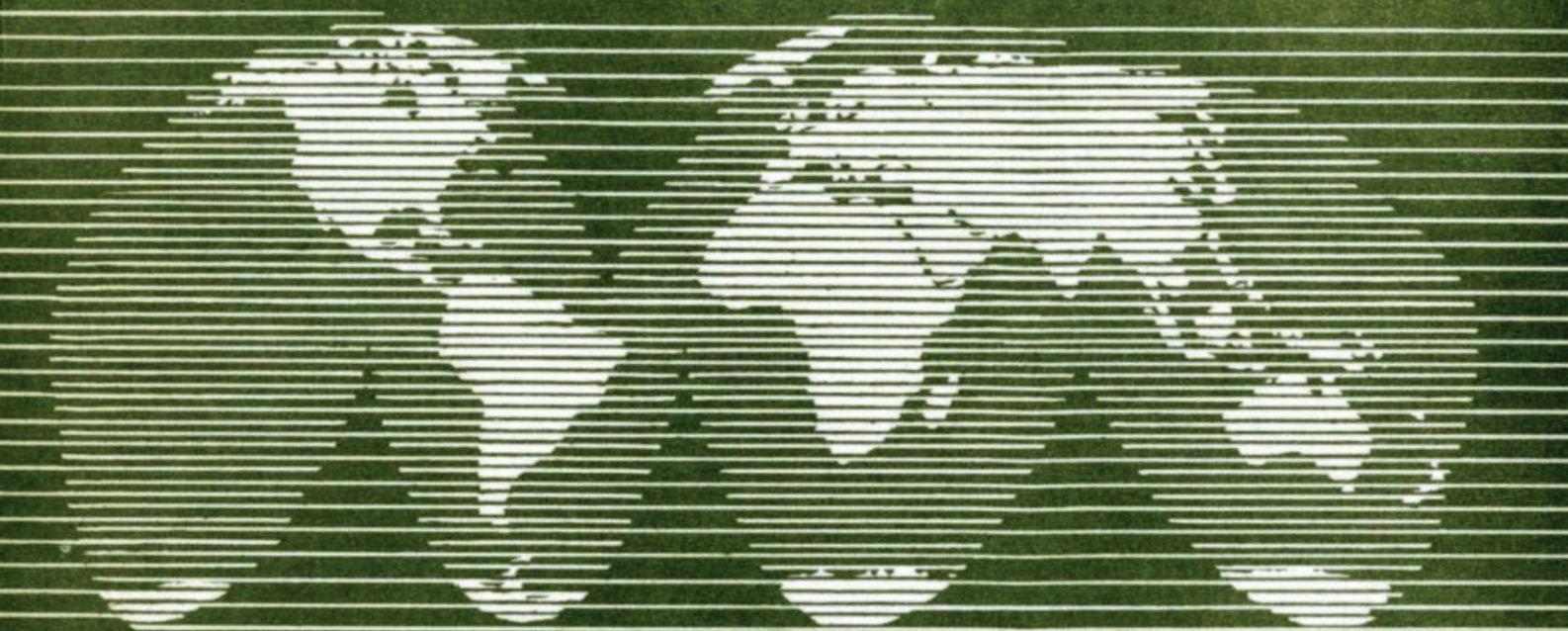


INSTITUTO DE ESTUDOS GEOGRÁFICOS
FACULDADE DE LETRAS — UNIVERSIDADE DE COIMBRA



Cadernos de Geografia

PROJECCÕES DE POPULAÇÃO:
POPULAÇÃO ESCOLAR E POPULAÇÃO ACTIVA
PORTUGAL 1981-2025 (*)

LUCÍLIA CAETANO
FERNANDA DELGADO CRAVIDÃO

RESUMO

As projecções segundo a idade e o sexo permitem conhecer a evolução futura da população, partindo de hipóteses sobre o comportamento da fecundidade, mortalidade e migrações. Os resultados obtidos evidenciam a redução do número de jovens e o crescente aumento de idosos. Neste âmbito, a população portuguesa atingirá, no ano 2000, provavelmente, situação demográfica idêntica aos padrões médios europeus registados no início da década de 1980. Consequentemente, de entre os objectivos que se podem realizar a partir das projecções privilegiaram-se aqueles que interferem em interesses sócio-económicos: frequência e população escolar, nos diferentes graus de ensino, e mercado de trabalho (população potencialmente activa, jovens à procura do primeiro emprego e reformados). Perspektivaram-se aumentos de frequência escolar dos grupos etários dos 5 aos 24 anos, que representarão 25% da população total no final do primeiro quartel do século XXI e, simultaneamente, afrouxará a pressão da procura de emprego no mercado de trabalho.

RÉSUMÉ

Les projections selon l'âge et le sexe permettent de connaître l'évolution future de la population, en partant d'hypothèses relatives au comportement de la fécondité, de la mortalité et des migrations. Les résultats obtenus mettent

(*) O presente texto corresponde à reformulação do apresentado no IV Colóquio Ibérico de Geografia (Coimbra, Setembro, 1986).

en évidence la réduction du nombre des jeunes et l'augmentation constante des personnes âgées. Dans ce domaine, la population portugaise atteindra probablement, en l'an 2000, un niveau démographique semblable aux moyennes européennes enregistrées au début des années 80. En conséquence, parmi les objectifs qui peuvent se réaliser à partir des projections sont apparus comme privilégiés ceux qui touchent aux intérêts socio-économiques: fréquentation et population scolaires, aux différents degrés de l'enseignement, et marché du travail (population potentiellement active, jeunes à la recherche du premier emploi et retraités). Il a été prévu des augmentations de la fréquentation scolaire des groupes d'âge allant de 5 à 24 ans, qui représenteront 25% de la population totale à la fin du premier quart du XXI^e siècle et, simultanément, sur le marché du travail, se relâchera la pression des demandeurs d'emploi.

S U M M A R Y

Starting from hypothesis based on the behaviour, the fertility, mortality and migrations, the projection according to the age and sex, let us know the future evolution of the population.

The achieved results show a reduction of young people and a rising increase of elderly one. According to the results, the Portuguese population will probably reach in the year 2000, a demographic situation similar to the average European Standards, recorded at the beginning of 1980. So, among the different aims that one may realize based on the population projection, some preference will be given to the those more connected with social-economic interests: attendance and student population, at the different levels of teaching and working market (potentially active population, young people looking for the first job and retired people).

We could foresee an increase of attendance among people with ages between five and twenty four years old, which will represent twenty five per cent of the whole population, on the first quarter of the twenty first century, and, at the same time will diminish the search for a job at the working market.

O cálculo de população, para datas futuras, pode seguir duas orientações distintas (estimativas e projecções), mas sempre baseado em dados recolhidos nos últimos Censos.

As *estimativas de população inter/post censitárias* assentam, fundamentalmente, na resolução gráfica de *curvas matemáticas* que traduzem tendências evolutivas. Estas, no entanto, dificilmente reflectem as repercussões demográficas das mudanças socio-económicas entretanto ocorridas.

As *projecções por idade e sexo*, pelo contrário, procuram ultrapassar estas lacunas mediante a formulação de hipóteses evolutivas que, de acordo com a definição apresentada no «Dicionário de Demografia das Nações Unidas», decorrem das tendências evidenciadas pela fecundidade, morta-

idade¹ e migrações (cit. ARMAND MATTELART, 1964, p. 567). Deste modo, é possível, através da evolução de cada classe de idade, prever, para um determinado momento, a população em idade escolar, número de jovens potencialmente activos, etc. Embora os resultados obtidos devam ser aceites com alguma reserva, as projecções têm significativo interesse quando enquadradas num planeamento regional ou nacional integrado.

1. Metodologia

As projecções da população têm, na sequência do que foi enunciado anteriormente, por base a análise do comportamento demográfico, numa perspectiva de encontrar as tendências e ritmos de crescimento. Com efeito, toda a população está sujeita a alterações, por processos directos e indirectos, na sua composição e estrutura ao longo da sua evolução e que necessariamente não são uniformes.

Os resultados apresentados fundamentam-se num conjunto de hipóteses formuladas a partir do jogo combinatório dos principais elementos responsáveis pela variação demográfica, ou seja: crescimento natural e movimentos migratórios. O primeiro resulta do saldo natalidade/mortalidade, este por sua vez depende, respectivamente, dos níveis anuais de fecundidade e de sobrevivência. O segundo pode ter efeitos positivos ou negativos no crescimento da população, consoante se trate, como é óbvio, de imigração (efectiva ou retorno) ou emigração.

Todavia, deve ter-se presente, no equacionamento da actuação destes factores, a estrutura etária correspondente. Além disto, actualmente, a composição da população de Portugal Continental, está marcada por um movimento de retorno de emigrantes, ainda mal conhecido nas suas características demográficas, cujas consequências futuras são difíceis de avaliar na sua plenitude. Resultam, deste modo, dificuldades na formulação das hipóteses de evolução da população e defeituosos os resultados finais. Nesta situação, e com o objectivo de contemplar as diferentes probabilidades de crescimento da população, equacionámos vários esquemas teóricos de *evolução tipo* onde se combinam os elementos responsáveis pela variação demográfica². A estes elementos foi atribuído um comportamento ora estável, ora dinâmico em função dos valores correspondentes registados nos últimos 30 anos.

¹ Estes índices permitem o cálculo de nascimentos e dos sobreviventes, respectivamente.

² A metodologia utilizada, neste trabalho, está próxima da seguida por CUSTÓDIO N.P.S. CÓNIM (1977).

1.1. As projecções propostas para a extensão do período de tempo escolhido assentam no esquema real que é responsável pela variação anual da população; cada classe etária substitui em anos seguintes a subsequente, segundo uma fracção que depende da mortalidade e do saldo migratório que afectam cada grupo etário.

Por esta razão, nas previsões plurianuais, em que necessariamente são utilizados índices projectados, os riscos de afastamento da realidade apresentam-se acumulados. Neste sentido estamos conscientes das deficiências a encontrar no cálculo da população até ao ano 2025. No entanto, não podemos subvalorizar estudos desta natureza, pelo interesse sócio-económico que revelam para a comunidade. Devemos, no entanto, referir que algumas imprecisões encontradas decorrem do facto das estatísticas portuguesas não incluírem a informação necessária para uma correcta previsão demográfica. Nestas, por exemplo, as informações relativas à mobilidade da população (emigração e imigração) encerram lacunas, frequentemente impossíveis de preencher. Ora, sabe-se como são decisivos os fluxos migratórios na dinâmica da população. Por outro lado, os dados referentes ao movimento natural da população nem sempre obedecem a um critério uniforme, dificultando, assim, uma análise evolutiva. Além disto, os resultados coleccionados não apresentam desagregação geográfica impedindo, deste modo, a análise regional com rigor satisfatório.

2. Análise da variação demográfica

Embora rápido, o exame retrospectivo de alguns indicadores demográficos revela que a população portuguesa, para além de se aproximar dos índices europeus, dependerá da expressão que as migrações venham a representar nos próximos anos. Recorde-se que qualquer projecção, elaborada em Portugal até 1974, não poderia prever a entrada de cerca de um milhão de pessoas provenientes das ex-colónias, tal como o processo, entretanto iniciado, de retorno dos emigrantes¹.

¹ MANUELA SILVA (1985, p. 119) refere que cerca de 882 mil emigrantes regressarão até 1990. Acrescente-se, no entanto, que este valor nos parece elevado, conforme sugerem inquéritos amostra realizados por Fernanda D. Cravidão no Centro Litoral. Os valores encontrados apontam para um retorno que afectará apenas entre 5 e 10% dos actuais emigrantes.

2.1. NATALIDADE/FECUNDIDADE E MORTALIDADE

A leitura da Fig. 1 sugere que quer a taxa de natalidade, quer a de mortalidade evoluirão, em circunstâncias idênticas às actuais, no sentido da diminuição progressiva dos seus valores. Deve realçar-se a queda brusca do número de nascimentos por mil habitantes verificada no período decorrente

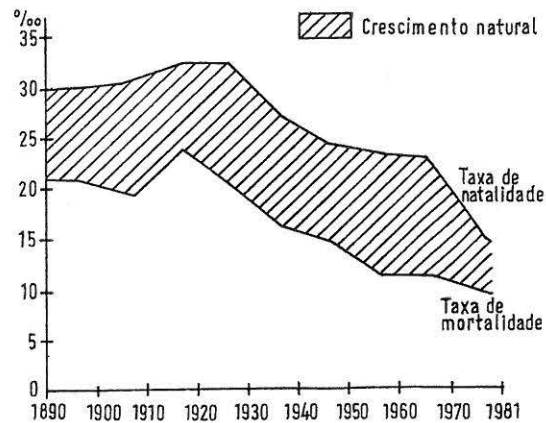


FIG. 1 — Crescimento natural em Portugal.

entre 1960 e 1981 (20,1 e 15,4‰ respectivamente). Refira-se, que em 1981, a taxa de natalidade europeia era ainda mais baixa (12,4‰)¹, no entanto, esta evolução sugere que Portugal tenderá a atingir este valor, facto que conduzirá, certamente, a um envelhecimento progressivo da população.

Além disto, a sucessão numérica da taxa de fecundidade (Fig. 2) reforça esta ideia. Entre 1970 e 1983 o número de nascimentos por cada mil mulheres com idades dos 15 aos 49 anos apresentou um significativo decréscimo ao passar de 81 para 58‰. Enquanto a fecundidade total líquida² desceu, entre 1978 e 1982, para 2,21 (3,06 em 1968-72), sendo nos países da

¹ «Entre 1980 e 1981 a população da Comunidade Europeia apenas aumentou 700 mil habitantes» (A. BAUMANN, 1983, p. 10), continuando, assim, a queda demográfica a partir do início da década de setenta.

² «Representada pelo número médio de filhos que poderão ter as mulheres que sobrevivam até aos 50 anos e sigam a fecundidade média das mulheres portuguesas de cada grupo etário, em cada um dos quinquénios de referência» (ÓSCAR SOARES BARATA, 1985, p. 33).

Europa Ocidental, em igual período inferior a 1,5 (ÓSCAR SOARES BARATA, 1985, pp. 7 e 33).

Saliente-se, todavia, o aumento observado entre 1975 e 1979, provavelmente, ocasionado pelas mutações verificadas na sociedade portuguesa

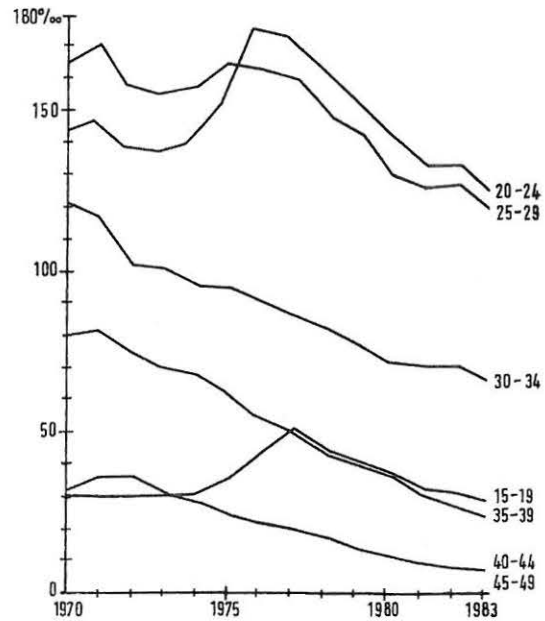


FIG. 2 — Taxa de fecundidade (em ‰) 1970 a 1983

Fonte: Estatísticas Demográficas

após 1974 e que se poderá reflectir de novo em meados da década de noventa, aliado agora a um quantitativo superior de jovens em idade fértil. Note-se, ainda, o acréscimo da taxa de fecundidade observado na classe etária dos 15-19, aumentando, deste modo, o efectivo de mães adolescentes, embora os valores médios apontem para uma diminuição generalizada deste índice.

2.2. A SEXO-RATIO

O facto mais saliente que resulta da análise do Quadro 1 é o aumento do número de indivíduos do sexo masculino por cada 100 mulheres (sexo-ratio) em 1981 e relativamente a 1970. Além disto, enquanto em 1970, apenas até à classe etária dos 10 aos 14, se observa um coeficiente maior

QUADRO I — Evolução da sexo-ratio por grupos etários

<i>Grupos etários</i>	<i>1970</i>	<i>1981</i>
nado-vivos	1,066	1,062
0- 4	1,039	1,062
5- 9	1,036	1,041
10-14	1,022	1,037
15-19	0,947	1,018
20-24	0,903	1,009
25-29	0,839	0,984
30-34	0,883	0,955
35-39	0,896	0,907
40-44	0,899	0,908
45-49	0,898	0,900
50-54	0,889	0,888
55-59	0,883	0,882
60-64	0,814	0,854
65-69	0,752	0,805
70-74	0,675	0,720
75 e mais	0,562	0,544
<i>Total</i>	0,904	0,930

Fonte: Recenseamentos da População, 1970-1981

que a unidade, em 1981, até aos 24 anos, os homens são em maior número. Nos grupos subsequentes, e não obstante a sexo-ratio ser inferior à unidade, os valores encontrados evidenciam um equilíbrio. Não é difícil supor que as modificações observadas sejam em parte decorrentes do sentido dos fluxos migratórios.

Deve, ainda, chamar-se a atenção para o facto de nos grupos etários com mais de 70 anos o número de mulheres ser consideravelmente superior ao de homens, situação relacionada com o maior índice de mortalidade destes.

2.3. VIDA MÉDIA, ÍNDICES DE VITALIDADE E DE ENVELHECIMENTO

Os valores referentes a estes indicadores, nos últimos decénios, além de reflectirem o comportamento dos analisados anteriormente, permitem concretizar algumas hipóteses relativas à evolução da estrutura demográfica.

A diminuição progressiva das taxas de mortalidade, conduziu a um aumento da vida média (65 anos em 1970 e 70,7 em 1981), concorrendo, assim, para o envelhecimento da população (Quadro II). Mantém-se, naturalmente, a diferenciação concordante com a sexo-ratio.

QUADRO II — Índice de envelhecimento (*)

<i>Anos</i>	<i>Total (H M)</i>	<i>Homens (H)</i>	<i>Mulheres (M)</i>
1960	31,2	25,3	37,3
1970	39,1	32,3	45,9
1981	46,2	38,3	54,5

(*)
$$\frac{\text{Pop. residente com 60 e mais anos}}{\text{Pop. residente com menos de 20 anos}} \times 100$$

Simultaneamente é notória a redução da capacidade de rejuvenescimento da população portuguesa. Com efeito, o índice de vitalidade passou de 2,5 calculado em 1970, para 1,5 em 1981¹.

Parece, pois, poder concluir-se que a população em Portugal tem tendência para apresentar futuramente um fraco crescimento; em resultado da sequência das baixas taxas de fecundidade, e do índice de vitalidade, conjugadas com o acréscimo da vida média e elevado índice de envelhecimento.

As projecções que seguidamente apresentamos pretendem mostrar, ainda que com algumas reservas, o comportamento da evolução da população.

3. Projecções de população até 2025

A fim de garantir uma base dos cálculos, tanto quanto possível, segura, no domínio da composição por sexo e estrutura etária partimos dos dados fornecidos pelo *Recenseamento Geral da População* realizado em 1 de Março de 1981 (Quadro III).

Foram consideradas três hipóteses para o comportamento dos elementos responsáveis pelo crescimento da população.

3.1. Na *hipótese I* (Quadro IV), aplicada em 1981-86, as taxas de fecundidade (Fig. 3) e de mortalidade decrescem, segundo um ritmo ajustado à evolução no passado recente, e o saldo migratório é considerado

¹ Para valores inferiores a 4 considera-se o índice de vitalidade fraco.

QUADRO III — População residente em Portugal — 1981 (População de base)

<i>Grupos etários</i>	<i>Total</i>	<i>Homens</i>	<i>Mulheres</i>
0- 4	791 696	404 788	386 908
5- 9	862 233	439 771	422 562
10-14	854 644	435 169	419 475
15-19	859 742	433 655	426 087
20-24	768 317	385 806	382 511
25-29	679 958	337 171	342 787
30-34	629 898	307 631	322 267
35-39	565 426	268 962	296 464
40-44	574 160	273 274	300 886
45-49	586 900	278 017	308 883
50-54	570 462	268 382	302 080
55-59	531 731	249 183	282 548
60-64	432 289	199 108	233 181
65-69	408 307	182 049	226 258
70-74	332 339	139 169	193 170
75 e mais	384 812	135 580	249 232
<i>Total</i>	9 833 014	4 737 715	5 095 299

Fonte: XII Recenseamento geral da população. II Recenseamento da habitação. 1 de Março de 1981, vol. 21, total do País, Lisboa, INE, 1984.

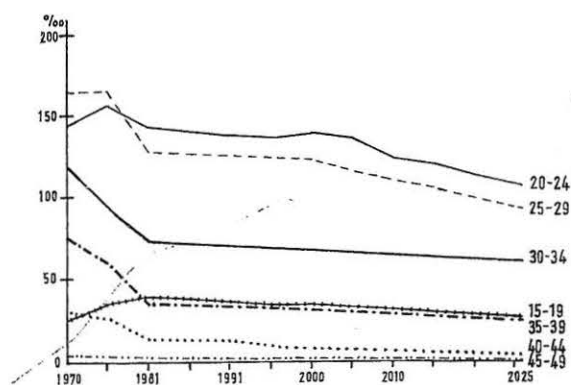


Fig. 3 — Taxa de fecundidade (observada e projectada).

positivo. De facto tudo indica que nestes anos o retorno foi superior à emigração (Quadro V).

QUADRO V — Movimento migratórios (*)

<i>Índices</i>	<i>Anos</i>	1971	1972	1973	1974	1975	1976	1977	1978	1979	1980
Saldo migratório líquido (milhares)		-121,7	-72,2	-84,0	+174,4	+346,9	+10,2	+19,6	+30,0	+36,8	+41,9
Taxa migratória líquida (%)		- 14,1	- 8,4	- 9,7	+ 19,9	+ 38,1	+ 1,1	+ 2,1	+ 3,1	+ 3,8	+ 4,3

(*) Valores projectados.

Fonte: MARIA JOSÉ CARRILHO (Jun. 1966), p. 20.

Segundo MANUELA SILVA (1985, p. 119), entre 1981 e 1985, terão regressado 41,8 milhares de emigrantes. Além disto a emigração decresceu a partir de 1981 (Fig. 4).

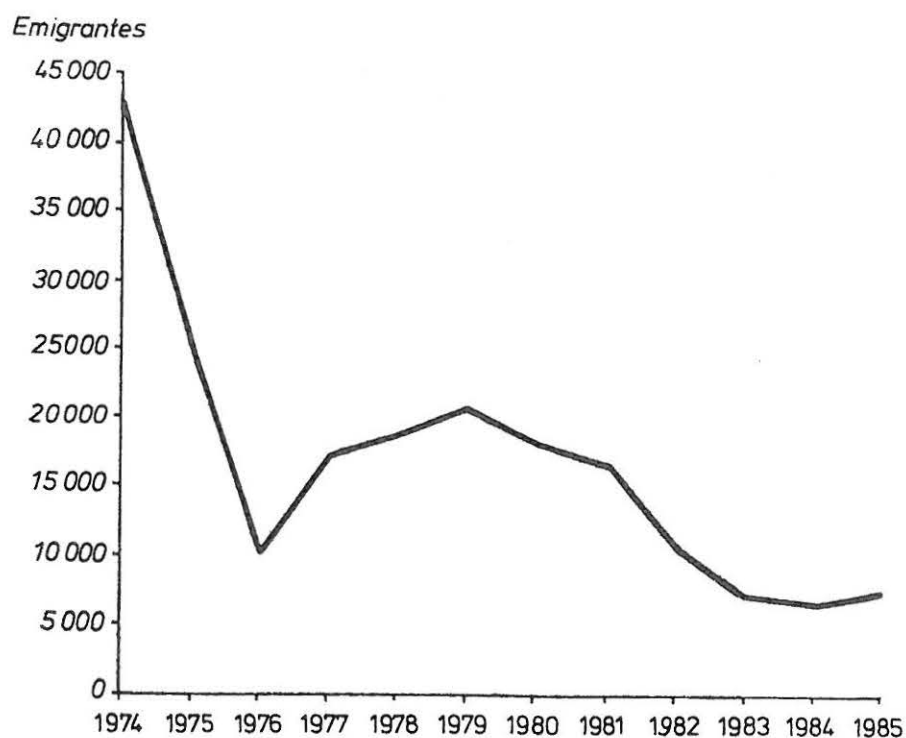


FIG. 4 — Emigração em Portugal 1974 a 1985

QUADRO VI — Projecções de população residente em Portugal * (milhares)

Classes etárias	1986			1991			1996			2000			2005			2010			2015			2020			2025		
	HM	H	M	HM	H	M	HM	H	M	HM	H	M	HM	H	M	HM	H	M	HM	H	M	HM	H	M	HM	H	M
0- 4	684,2	352,9	331,3	775,4	412,2	363,2	817,3	435,0	382,3	663,8	353,3	310,5	782,3	416,8	365,5	727,3	388,4	338,9	666,0	355,0	311,0	643,9	343,9	300,0	601,3	321,1	280,2
5- 9	794,0	405,6	388,4	677,6	349,0	328,6	766,4	406,8	359,6	806,4	428,5	377,9	656,8	349,1	307,7	774,4	412,1	362,3	720,3	384,2	336,1	660,0	351,4	308,6	638,3	340,6	297,7
10-14	879,1	450,2	428,9	796,2	406,7	389,5	676,0	348,0	328,0	764,5	405,6	358,9	804,7	427,4	377,3	654,6	347,4	307,2	772,8	411,1	361,7	718,9	383,3	335,6	658,7	350,6	308,1
15-19	876,7	446,1	430,6	873,3	446,3	427,0	792,9	404,2	388,7	672,7	345,5	327,2	761,5	403,3	358,2	801,5	425,0	376,5	652,2	345,6	306,6	770,0	409,0	361,0	716,4	381,5	334,9
20-24	853,2	428,4	424,8	855,9	435,5	420,4	873,1	447,3	425,8	786,7	399,2	387,5	668,5	342,1	326,4	756,8	399,5	357,3	796,7	421,2	375,5	648,5	342,7	305,8	765,8	405,7	360,1
25-29	761,0	379,8	381,2	834,1	414,6	419,5	849,7	430,6	419,1	861,6	441,6	420,0	781,5	395,2	386,3	664,2	338,8	325,4	752,1	395,9	356,2	792,0	417,6	374,4	644,8	339,9	304,9
30-34	673,0	332,5	340,5	748,1	369,2	378,9	828,3	410,5	417,8	843,0	425,8	417,2	856,1	437,7	418,4	776,6	391,8	384,8	660,3	336,1	324,2	747,8	392,9	354,9	787,6	414,6	373,0
35-39	627,0	304,6	322,4	674,2	330,7	343,5	742,2	365,4	376,8	820,8	405,7	415,1	832,8	417,9	414,9	850,0	433,8	416,2	771,3	388,5	382,8	655,9	333,4	322,5	742,9	389,9	353,0
40-44	587,7	279,8	307,9	644,1	312,2	331,9	666,9	326,1	340,8	732,9	359,6	373,3	812,5	400,6	411,9	824,7	412,9	411,8	842,0	428,9	413,1	764,3	384,3	380,0	650,2	330,0	320,2
45-49	593,8	282,4	311,4	603,7	286,9	316,8	633,7	305,5	328,2	654,4	318,1	336,3	721,8	352,6	369,2	800,6	393,2	407,4	813,0	405,6	407,4	830,5	421,8	408,7	754,2	378,2	376,0
50-54	601,2	283,6	317,6	605,1	286,4	318,7	588,7	277,2	311,5	615,4	293,7	321,7	636,6	305,8	330,8	705,6	342,4	363,2	783,3	382,4	400,9	795,9	395,0	400,9	813,6	411,3	402,3
55-59	553,0	256,3	296,7	596,2	278,2	318,0	582,7	272,0	310,7	563,6	261,3	302,3	594,2	280,4	313,8	615,4	292,6	322,8	682,9	328,4	354,5	756,1	364,7	391,4	771,9	380,4	391,5
60-64	500,1	228,5	271,6	529,2	240,2	289,0	562,6	256,9	305,7	544,7	248,3	296,4	534,1	243,3	290,8	564,0	262,0	302,0	584,8	274,0	310,8	650,1	308,6	341,5	721,0	343,8	377,2
65-69	391,2	173,2	218,0	453,5	200,3	253,2	481,5	210,5	271,0	508,4	225,4	283,0	500,7	222,4	278,3	492,4	219,2	273,2	520,8	237,0	283,9	541,6	249,2	292,4	603,5	282,0	321,5
70-74	342,5	142,8	199,7	326,1	138,6	187,5	381,9	162,4	219,5	394,6	165,2	229,4	435,0	186,9	248,1	431,7	186,4	245,3	427,5	185,5	242,0	455,1	202,4	252,7	476,7	214,6	261,5
75 e mais	358,4	117,8	240,6	353,9	115,8	238,1	347,0	115,0	232,0	313,4	100,6	212,8	375,4	126,4	249,0	424,1	146,7	277,4	440,2	152,6	287,6	442,1	153,2	288,9	457,4	162,2	295,2
TOTAL	10 076,1	4 963,5	5 112,6	10 328,6	5 022,8	5 305,8	10 590,9	5 173,4	5 417,5	10 546,9	5 177,4	5 369,5	10 754,5	5 307,9	5 446,6	10 863,9	5 392,2	5 471,7	10 886,4	5 432,0	5 454,4	10 872,7	5 453,4	5 419,3	10 803,7	5 446,4	5 357,3
0-19	3 234,0	1 654,8	1 579,2	3 122,5	1 614,2	1 508,3	3 052,6	1 594,0	1 458,6	2 907,4	1 532,9	1 374,5	3 005,3	1 596,6	1 408,7	2 957,8	1 572,9	1 384,9	2 811,5	1 495,9	1 315,6	2 792,8	1 487,6	1 305,2	2 614,7	1 393,8	1 220,9
20-60	5 249,9	2 547,4	2 702,5	5 561,4	2 713,7	2 847,7	5 765,3	2 834,6	2 930,7	5 878,4	2 905,0	2 973,4	5 904,0	2 932,3	2 971,7	5 993,9	3 005,0	2 988,9	6 101,6	3 087,0	3 014,6	5 991,0	3 052,4	2 938,6	5 931,0	3 050,0	2 881,0
60 e mais	1 592,2	761,3	830,9	1 644,7	694,9	949,8	1 773,0	744,8	1 028,2	1 761,1	739,5	1 021,6	1 845,2	779,0	1 066,2	1 912,9	814,3	1 098,6	1 973,3	849,1	1 124,2	2 088,9	913,4	1 175,5	2 258,0	1 002,6	1 255,4

* $E_u = E_{u-5} \times P_{u-5}$
 E_u = efectivos do grupo etário projectado no ano n
 E_{u-5} = efectivos do grupo etário antecedente no ano $n-5$
 P_{u-5} = Quociente de sobrevivência correspondente a E_{u-5}
(Cfr. CUSTÓDIO N. P. S. CÓNIM, 1977, p. 15)

QUADRO IV — Quocientes projectados de sobrevivência * — Portugal (níveis quinquenais)

Grupos etários	Hipótese I		Hipótese II		Hipótese III		Hipótese III		Hipótese III		Hipótese III		Hipótese III		Hipótese III		Hipótese III	
	1981-1986		1986-1991		1991-1996		1996-2000 **		2000-2005		2005-2010		2010-2015		2015-2020		2020-2025	
	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M
Nados-vivos	0,930 468	0,939 715	0,937 869	0,947 110	0,955 423	0,962 227	0,955 108	0,962 110	0,968 412	0,973 452	0,973 152	0,977 537	0,977 022	0,980 870	0,980 195	0,983 592	0,982 805	0,985 825
0- 4	0,980 978	0,984 574	0,978 592	0,982 023	0,987 012	0,990 007	0,985 198	0,988 609	0,988 232	0,990 947	0,988 772	0,991 365	0,989 335	0,991 765	0,989 822	0,992 145	0,990 335	0,992 505
5- 9	0,993 425	0,987 472	0,990 927	0,992 286	0,997 357	0,998 300	0,996 991	0,998 065	0,997 517	0,998 405	0,995 085	0,998 422	0,997 667	0,998 440	0,997 692	0,998 457	0,997 810	0,998 475
10-14	0,988 313	0,993 219	0,985 353	0,990 196	0,993 780	0,997 980	0,992 911	0,997 639	0,994 340	0,998 052	0,994 575	0,998 072	0,994 862	0,998 092	0,995 060	0,998 112	0,995 307	0,998 132
15-19	0,978 817	0,988 997	0,972 672	0,973 163	0,989 242	0,997 415	0,987 736	0,996 931	0,990 295	0,997 470	0,990 782	0,997 497	0,991 245	0,997 525	0,991 685	0,997 550	0,992 102	0,997 575
20-24	0,974 082	0,987 459	0,962 804	0,983 197	0,988 886	0,996 962	0,987 331	0,986 394	0,989 972	0,997 027	0,990 475	0,997 060	0,990 955	0,997 092	0,991 410	0,997 122	0,991 842	0,997 152
25-29	0,975 131	0,983 966	0,963 875	0,986 827	0,990 221	0,996 112	0,988 855	0,995 383	0,991 177	0,996 192	0,991 620	0,996 232	0,992 042	0,996 272	0,992 442	0,996 312	0,992 822	0,996 352
30-34	0,978 006	0,990 538	0,970 705	0,988 424	0,989 740	0,994 582	0,988 306	0,993 565	0,981 485	0,994 692	0,991 207	0,994 747	0,991 650	0,994 802	0,992 070	0,994 857	0,992 467	0,994 912
35-39	0,978 098	0,989 925	0,973 704	0,987 434	0,986 125	0,992 350	0,984 184	0,990 913	0,987 480	0,992 505	0,988 107	0,992 582	0,988 705	0,992 657	0,989 272	0,992 732	0,989 810	0,992 807
40-44	0,972 109	0,986 506	0,969 825	0,984 756	0,978 512	0,988 880	0,975 505	0,986 791	0,980 610	0,989 105	0,981 580	0,989 217	0,982 502	0,989 325	0,983 380	0,989 432	0,984 212	0,989 540
45-49	0,959 773	0,981 009	0,959 176	0,979 740	0,966 250	0,983 365	0,961 525	0,980 239	0,969 542	0,983 700	0,971 067	0,983 865	0,972 515	0,984 027	0,973 892	0,984 190	0,975 200	0,984 350
50-54	0,942 256	0,972 389	0,943 393	0,972 041	0,949 865	0,975 122	0,942 847	0,970 447	0,954 755	0,975 622	0,957 020	0,975 867	0,959 170	0,976 110	0,953 715	0,976 352	0,963 157	0,976 590
55-59	0,913 513	0,958 673	0,916 784	0,958 567	0,923 785	0,961 402	0,913 117	0,954 148	0,931 220	0,962 175	0,934 660	0,962 555	0,936 717	0,962 930	0,939 885	0,963 302	0,942 895	0,963 670
60-64	0,870 368	0,935 019	0,876 774	0,935 245	0,884 603	0,937 722	0,877 447	0,926 017	0,895 857	0,938 965	0,901 065	0,939 577	0,904 802	0,940 182	0,909 565	0,940 782	0,914 090	0,941 375
65-69	0,784 631	0,882 676	0,800 285	0,860 389	0,811 160	0,866 942	0,784 726	0,846 463	0,829 577	0,876 920	0,838 100	0,881 562	0,846 197	0,885 985	0,853 890	0,890 202	0,861 197	0,894 225
70-74	0,525 932	0,649 094	0,538 337	0,632 254	0,548 500	0,640 712	0,469 378	0,577 702	0,560 230	0,649 948	0,562 327	0,651 562	0,564 121	0,652 935	0,565 624	0,654 078	0,566 858	0,655 005
75 e mais	0,329 178	0,462 288	0,330 139	0,464 914	0,336 840	0,470 265	0,212 170	0,370 678	0,336 910	0,470 321	0,330 279	0,465 024	0,323 582	0,459 675	0,316 818	0,454 272	0,309 987	0,448 815

Hipótese I

fecundidade > decrescente
mortalidade > decrescente
saldo migratório positivo

Hipótese II

fecundidade (ajustados a tendências — fecundidade e mortalidade anteriores) > decrescente
emigração — ligeiro acréscimo
imigração
e retorno — ligeiro decréscimo

Hipótese III

— fecundidade e mortalidade decrescente
— sem migrações

$$P_x = \frac{S_x + 1}{S_x}$$

onde S_x e S_{x+1} representam os sobreviventes em dois grupos etários consecutivos.
(Cf. ROLAND PRESSAT, 1972, p. 83).

** Para acerto de datas foi considerado um intervalo de quatro anos.

Deste modo, com base nos quocientes projectados de sobrevivência (cf. Quadro IV), no final de 1986 a população em Portugal deverá aproximar-se de 10 076 100 indivíduos. Destes 32,8% terão menos de 20 anos, 52,1% entre os 20 e os 60 anos e 15,8% mais de 60 anos (Quadro VI).

3.2. Para o quinquénio subsequente (1986-91) aplicou-se a *hipótese II*. Nesta, e tal como na anterior consideram-se as taxas de fecundidade e de mortalidade decrescendo progressivamente. No que se refere aos fluxos migratórios atendeu-se ao decréscimo projectado no retorno¹, enquanto a emigração possivelmente aumentará, sem contudo atingir os valores da década de 1960², e também terá provavelmente, novos rumos. Os valores encontrados revelam um ligeiro acréscimo de população relativamente a 1986 (2,5%). Acentua-se a diminuição dos jovens (30,3%) e aumenta a proporção dos adultos (53,8%).

3.3. A partir de 1991 foi aplicada a *hipótese III*. Esta apenas se fundamenta no crescimento natural. Omitiu-se a variável *migração*, por precaução, pois afigura-se-nos difícil prever o seu comportamento. Nestas circunstâncias e mantendo-se decrescentes as taxas de fecundidade e de mortalidade, a evolução será marcada pelo fraco crescimento demográfico que chegará a ser inclusivamente negativo conforme mostra o Quadro VI e Fig. 5. Acentuar-se-ão as características de envelhecimento da população; 20,9% de velhos em 2025.

Esta evolução da estrutura etária projectada é, ainda, evidenciada através da comparação dos perfis das pirâmides correspondentes aos anos 1981, 2000 e 2025 (Fig. 6).

3.4. Em resumo, parece-nos que a tendência evolutiva, dos quantitativos globais da população portuguesa, aproxima-se da estagnação. Todavia, a sua estrutura e composição acusam variações que continuarão a marcar o comportamento geral dos diferentes elementos demográficos em jogo: gradual diminuição dos jovens, aumento do efectivo de velhos e uma sexo-

¹ MANUELA SILVA (1985, p. 119) sugere, segundo estimativas realizadas, que entre 1986-1990 regressarão 36,2 milhares de emigrantes.

² Pensamos que esta afectará essencialmente as classes etárias mais jovens (2.ª geração) dos emigrantes entretanto retornados, movimento já denunciado actualmente (embora para os indivíduos que possuem dupla nacionalidade a saída de Portugal não deva ser considerada verdadeira emigração).

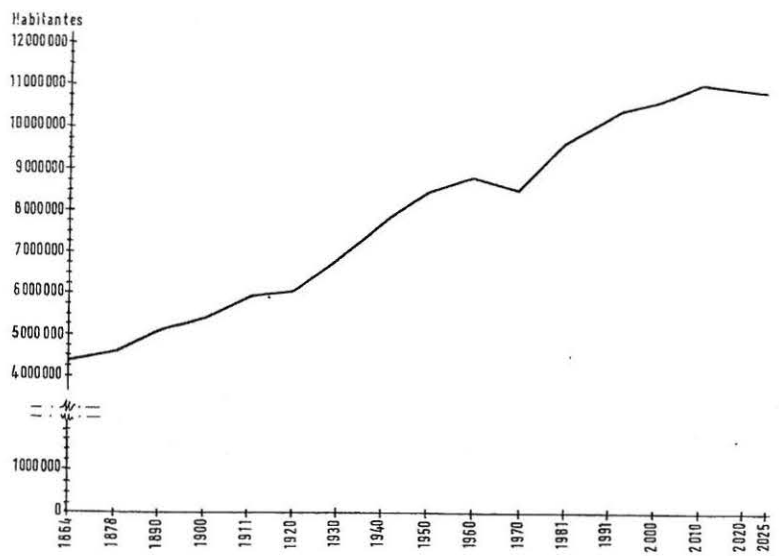


FIG. 5 — Evolução da população em Portugal — 1864 a 2025

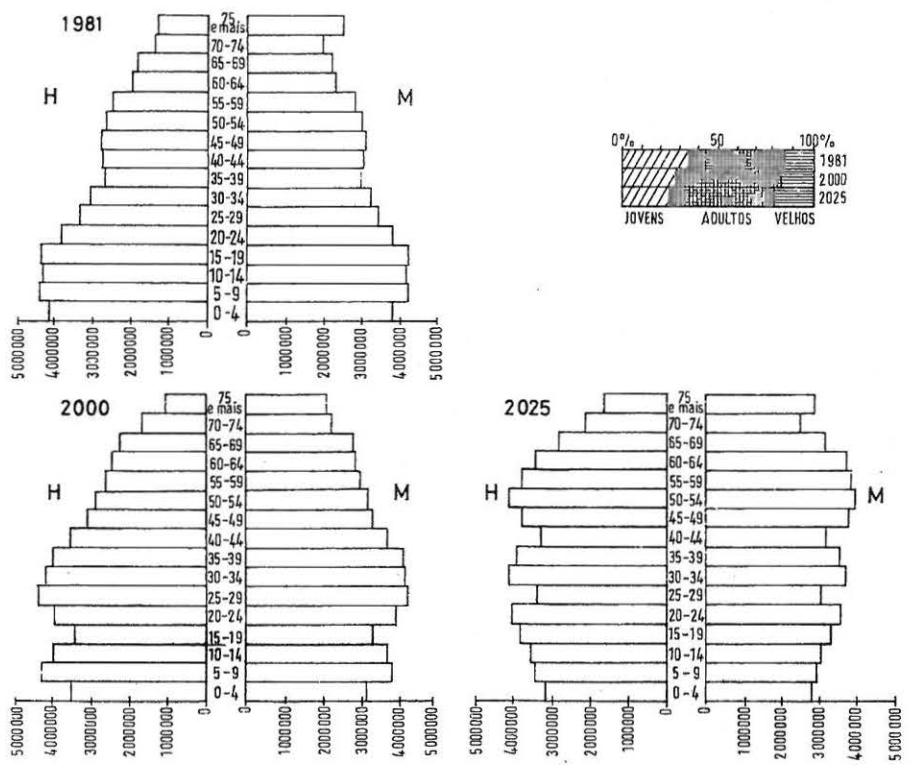


FIG. 6 — Estrutura etária da população — 1981, 2000 e 2025

-ratio mais equilibrada e consentânea com a diferença à nascença, salvo para os mais idosos (Quadro VII-A).

Portugal será, assim indicam as projecções, um país envelhecido tal como a generalidade dos países europeus (Quadro VII-B).

QUADRO VII — A — Sexo-Ratio
por grupos etários projectada

Grupos etários	Anos	
	2000	2025
Nados-vivos	1,068	1,068
0- 4	1,137	1,146
5- 9	1,134	1,144
10-14	1,130	1,138
15-19	1,056	1,139
20-24	1,030	1,127
25-29	1,051	1,115
30-34	1,021	1,112
35-39	0,977	1,105
40-44	0,963	1,031
45-49	0,946	1,006
50-54	0,913	1,022
55-59	0,864	0,972
60-64	0,837	0,915
65-69	0,796	0,877
70-74	0,720	0,820
75 e mais	0,473	0,549
<i>Total</i>	0,964	1,017

B — Índice de envelhecimento projectado

Anos	Total	Homens	Mulheres
1981	46,2	38,3	54,5
2000	60,6	48,2	74,3
2025	86,4	71,9	102,8

Fonte: Quadro VI

Finalmente, alertamos para a circunstância de que provavelmente os movimentos migratórios, não obstante terem sido excluídos a partir de 1991, não cessarão. O quadro conjuntural exterior tornam em incógnitas os rumos e efectivos em movimento, mas não deixarão de se reflectir na dinâmica demográfica do País.

4. Algumas aplicações práticas das projecções de população

4.1. PROJECCÕES DE POPULAÇÃO EM IDADE ESCOLAR

Estas projecções têm por objectivo determinar a população escolar no País de modo a tornar possível a previsão das necessidades de professores, salas de aula e infra-estruturas, para os diferentes graus de ensino; dado que as acções ajustadas terão de ser realizadas antecipadamente, no que respeita à construção de novas escolas e formação de docentes.

4.1.1. *Ensino básico: primário*¹ (ou 1.º ciclo)

Actualmente, as crianças iniciam a frequência do ensino primário desde que «completem os 6 anos de idade até 15 de Setembro do ano civil em que o ano escolar tiver início. Poderão, ainda, ser matriculados, a título voluntário, os menores que completem os referidos 6 anos, até 31 de Dezembro do mesmo ano»². A difusão do ensino pré-primário tenderá, futuramente, a recuar o limite etário de acesso à escola primária. Nesta conformidade, o escalão etário dos 5 aos 9 anos foi considerado envolvido neste grau de escolaridade básico e obrigatório.

Deste modo, e de acordo com as projecções, já apresentadas, a população abrangida pelo grupo etário dos 5 aos 9 anos, independentemente do sexo, evoluirá até ao ano 2025 conforme mostra o Quadro VI.

No entanto, a escolaridade não atingirá, certamente, a totalidade destas crianças. Com efeito, em 1981, segundo o recenseamento da população, os alunos do ensino primário com idades compreendidas neste escalão etário representavam 83,3%, aumentando, assim, 4% relativamente a 1970 (cfr. Quadro VIII).

As realizações no domínio da extensão do ensino primário à criança, incluindo as portadoras de diferentes graus de dificuldade de aprendizagem, no contexto de condições económicas mais favoráveis, conduzirão, provavel-

¹ De acordo com a Lei de Bases do Ensino Educativo, em vigor a partir do ano lectivo 1986-87, a educação escolar compreende os ensinamentos básico, secundário e superior. O ensino primário passou a corresponder ao 1.º ciclo do ensino básico.

² O Decreto-Lei n.º 220/81, publicado no *Diário da República* em 16 de Junho, foi revogado pela Lei de Bases do Sistema Educativo (Lei n.º 46/86 de 14 de Outubro) e mediante esta «ingressam no ensino básico as crianças que completem 6 anos de idade até 15 de Setembro».

QUADRO VIII — Frequência escolar segundo os grupos etários (em percentagem de população correspondente) 1970-1981

PORTUGAL

Anos	Grupos etários						
	5-9	10-14	15-19	20-24	25-29	30-34	35-39
1970	79,3	69,7	19,5	6,8	2,6	0,9	0,4
1981	83,3	83,2	33,4	11,5	3,3	1,5	0,9

FRANÇA

1970	91,8	92	46,6	15,9	—	—	—
------	------	----	------	------	---	---	---

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA DO NORTE

1972	95,5	99,3	77,6	23,1	8,6	4,6	—
------	------	------	------	------	-----	-----	---

Fontes: 11.º Recenseamento da população, Continente e Ilhas Adjacentes, Estimativa a 20%, vol. I e II, Lisboa, 1973.

— XII Recenseamento geral da população. II Recenseamento da habitação. 1 de Março de 1981, vol. 21, total do País, Lisboa, INE, 1984.

— La population de la France. World Population Year. CICRED series, 1974, p. 165 a 169.

— The population of the United States of América, World Population Year. CICRED séries, 1974, p. 86.

mente, a um acréscimo de frequência escolar. Os valores aproximar-se-ão dos registados já na década de 1970, quer nos Estados Unidos da América (95,45%), quer na França (91,82%)¹. Assim, foi considerada a hipótese de este índice evoluir, gradualmente, entre 85 e 100%. Deste modo, o intervalo de tempo considerado foi dividido em três períodos: 1986-1991, 1991-2000 e 2000-2025. A cada um foram atribuídos, respectivamente, os níveis 85, 90 e 95%. Segundo esta perspectiva, os quantitativos de população, dos 5 aos 9 anos, a frequentar a escola ficarão compreendidos entre as valores apresentados no Quadro IX.

¹ Segundo informações recolhidas nos Boletins Nacionais do *World Population Year*, 1974.

QUADRO IX — Frequência escolar projectada, segundo os grupos etários

Anos	<i>Grupos etários</i>											
	5-9			10-14			15-19			20-24		
	<i>População Total (*)</i>	<i>População Escolar Total</i>	<i>Escolar %</i>	<i>População Total (*)</i>	<i>População Escolar Total</i>	<i>Escolar %</i>	<i>População Total (*)</i>	<i>População Escolar Total</i>	<i>Escolar %</i>	<i>População Total (*)</i>	<i>População Escolar Total</i>	<i>Escolar %</i>
1991	677 600	575 960	85	796 200	676 770	85	873 300	349 320	40	855 900	213 975	25
1996	766 400	689 760	90	676 000	608 400	90	792 900	356 805	45	873 100	261 930	30
2000	806 400	766 080	95	764 500	726 275	95	672 700	369 985	55	786 700	275 345	35
2005	656 800	623 960	95	804 700	764 465	95	761 500	456 900	60	668 500	300 825	45
2010	774 400	735 680	95	654 600	621 870	95	801 500	561 050	70	765 800	416 240	55
2015	720 300	684 285	95	772 800	765 072	99	652 200	521 760	80	796 700	517 855	65
2020	660 000	627 000	95	718 900	711 711	99	770 000	654 500	85	648 500	486 375	75
2025	638 300	606 385	95	658 700	652 113	99	716 400	644 760	90	765 800	612 640	80

(*) Cfr. Quadro VI.

No entanto, a população escolar, no grau de ensino primário, será superior a estes números. Com efeito, estes são acrescidos em resultado, quer do insucesso escolar, quer da tardia iniciação escolar. Conforme informações recolhidas nas *Estatísticas da Educação*, cerca de 38% dos alunos inscritos, no ano lectivo 1980-81, tiveram insucesso escolar; respectivamente 35% na 1.^a fase e 40% na 2.^a. E, segundo os resultados do recenseamento geral da população realizado em 1981, a frequência deste grau de ensino prolongava-se até aos 14 anos, representando um acréscimo de mais 47% relativamente às crianças com idade entre os 5 e os 9 anos.

As perspectivas futuras, neste âmbito, tornam-se inseguras, pois dependem, fundamentalmente, dos resultados do progresso pedagógico-didáctico e das condições económicas para os executar. Consequentemente, as projecções não ultrapassam o ano 2000. Neste contexto a evolução da população escolar, no grau de ensino em análise, foi perspectivada segundo três hipóteses (Quadro X):

- 1 — considera-se, apenas, o grupo etário dos 5 anos 9 anos;
- 2 — engloba este grupo etário e ainda as crianças com insucesso escolar e iniciação escolar tardia; admitindo-se que resulta acréscimo de alunos, entre 1986 e 2000, constante e igual aos níveis actuais;
- 3 — idêntica nas premissas à anterior, mas supondo uma variação decrescente até atingir os 20%.

De acordo com os resultados obtidos nestas projecções (cfr. Quadro X, o efectivo escolar poderá evoluir, relativamente a 1981, entre -8,2 e 35%) segundo a verificação das hipóteses formuladas.

4.1.2. *Ensino básico e secundário: preparatório e secundário geral unificado* (ou 2.º e 3.º ciclo do ensino básico)

Estes graus de ensino compreendem a escolaridade do 5.º ao 9.º. As projecções de frequência e população escolar foram realizadas segundo a metodologia enunciada na análise precedente.

Em 1981 a frequência escolar ocupava em Portugal, 83,2% (69,7% em 1970) do total de crianças com idades entre os 10 e os 14 anos. Contudo, este índice, quer nos Estados Unidos da América, quer em França, variava respectivamente entre 99,3 e 92%. Além disto, o insucesso escolar atingiu cerca de 25% dos alunos; 33,4% no ensino preparatório e cerca de 20% no secundário e o alongamento etário da frequência destes graus de ensino traduziu-se num acréscimo próximo dos 9%.

QUADRO X — População escolar projectada, segundo os graus de ensino (*)

Anos	Primário			Preparatório e secundário geral unificado						Secundário, médio e superior					
	Hipótese I	Hipótese II I	Hipótese III 2	Hipótese IV		Hipótese II		Hipótese III		Hipótese V		Hipótese II		Hipótese III	
				1	2	1	2	1	2	1	2	1	2	1	2
1991	575 960	846 660	806 344	406 070	446 386	442 616	486 560	438 550	482 100	530 815	527 581	690 059	685 855	636 978	633 097
1996	689 760	1 013 940	896 688	284 220	401 472	309 800	437 600	302 690	427 570	600 265	592 637	780 344	770 428	690 305	681 533
2000	766 080	1 126 130	919 296	366 225	573 059	399 190	624 630	384 540	601 710	627 015	616 679	815 119	801 683	689 716	678 347
Varição em % 2000/1991	+ 33,0	+ 33,0	+ 14,0	- 9,8	+28,4	- 9,8	+28,4	-12,3	+ 24,8	+ 18,1	+ 16,9	+ 18,1	+ 16,9	+ 8,3	+ 7,1
2000/1981	- 8,2	+ 35,0	+ 10,0	-18,0	+28,0	-10,7	+39,7	-14,0	+34,5	+192,2	+187,4	+279,8	+273,6	+221,4	+216,1

(*) Segundo a Lei de Bases do Sistema Educativo (Lei n.º 46/86 de 14 de Outubro) os graus de ensino mencionados têm a equivalência seguinte:

Primário — 1.º ciclo, Preparatório — 2.º ciclo, Secundário Geral Unificado — 3.º ciclo, Secundário e Médio — Secundário e mantém-se o Superior.

Hipótese I — Sem insucesso escolar, englobando apenas o grupo etário dos 5 aos 9 anos.

Hipótese II — Com insucesso escolar e tardia iniciação escolar, segundo um nível constante.

Hipótese III — Com insucesso escolar e tardia iniciação escolar, segundo um nível decrescente.

Hipótese IV — Sem insucesso escolar, englobando apenas o grupo etário dos 10 aos 14 anos (cfr. Quadro IX) depois de subtraídas as crianças que ainda frequentam o ensino primário, de acordo com as hipóteses II (1) e III (2).

Hipótese V — Sem insucesso escolar, englobando apenas o grupo etário dos 15 aos 24 anos (cfr. Quadro IX) depois de subtraídos os jovens que ainda frequentam o grau de ensino precedente de acordo com a hipótese III.

Assim, foi formulada, relativamente à frequência escolar, a hipótese de esta vir a aumentar no intervalo de tempo considerado, até atingir os níveis observados nos países desenvolvidos, ou seja cerca de 100% (cfr. Quadro IX).

As projecções de população escolar que frequenta estes graus de ensino contemplaram, ainda, as situações decorrentes do alongamento etário. Foi, assim, suposto acréscimo dos efectivos segundo uma percentagem constante, de valor idêntico ao registado no ano lectivo 1980-81 (hipótese II) e segundo uma percentagem decrescente (hipótese III).

Nesta conformidade as perspectivas de evolução, entre 1991 e 2000, ficarão compreendidas entre 28,4 e -9,8%. Todavia, a tendência mais provável será traduzida pela hipótese III-2 (cfr. Quadro X). Disto resulta que, no ano 2000, relativamente a 1981, verificar-se-á 10% de acréscimo da população escolar que frequenta estes graus de ensino.

4.1.3. *Ensino secundário, médio¹ e superior*

A escolaridade aos 15 anos de idade, tem registado, relativamente às precedentes, decréscimo que atinge 50% (cfr. Quadro VIII), reflectindo, deste modo, o limite etário da escolaridade obrigatória (14 anos, actualmente). Este índice é condicionado por factores de diferente natureza; de ordem pessoal e sócio-económica, entre os quais se salientam a idade em que o jovem começa a exercer uma profissão.

Todavia, futuramente, verificar-se-á maior frequência escolar, de acordo com a crescente exigência de pessoal qualificado nos diferentes ramos de actividade económica, a fim de acompanhar o progresso tecnológico.

Neste sentido, perspectivou-se, nas projecções, um aumento gradual da frequência escolar até serem atingidos os valores verificados, na década de 1980, nos restantes países Europeus e desenvolvidos de outros continentes: cerca de 90% no Japão, Suécia e Estados Unidos da América (cfr. Quadro IX).

Na realização das projecções de população escolar, a frequentar estes graus de ensino, seguiu-se a metodologia já utilizada para os restantes. Apenas foram ajustadas as variáveis relativas à percentagem de alunos com idades superiores a 24 anos inscritos nestes cursos e ao insucesso escolar. Assim, a primeira, que representava, em 1981, 28,7%, tenderá a baixar, por

¹ Estes graus de ensino, que compreendem o secundário complementar, 12.º ano de escolaridade, secundário liceal, secundário técnico, cursos de índole profissional e ensino médio, passaram pela Lei de Bases do Sistema Educativo a constituir o secundário. Entretanto o ensino superior englobará, também, as escolas superiores politécnicas.

acção da crescente escolarização da população, mas idêntica evolução não terá, de imediato, o insucesso escolar (este atingiu, no ano lectivo 1980-81, cerca de 9% dos alunos do ensino Secundário Complementar). De facto, este só decrescerá se o sistema pedagógico-didáctico for flexibilizado, de modo a permitir gradações adaptadas à aptidão dos estudantes.

Pressupõe-se, deste modo, alongamento etário decrescendo entre 30 e 10%. Relativamente a 1981, esta população escolar conhecerá, até 2000, um acréscimo variando entre cerca de 216 e 280%, na eventualidade de se concretizarem, respectivamente, a *hipótese III-2* ou a *hipótese II-1* (cfr. Quadro X).

Em resumo, se em Portugal a situação sócio-económica, quer interna, quer externa, for favorável, a taxa de frequência escolar dos 5 aos 24 anos evoluirá, como sugere o Quadro XI, até atingir cerca de 25% da população, no final do primeiro quartel do século XXI.

QUADRO XI — Taxa de frequência escolar (*) (dos 5 aos 24 anos) — 1981-2025

<i>Anos</i>	<i>TFE (*)</i>
1981	16,9
1991	17,6
1996	18,1
2000	20,3
2005	20,0
2010	21,5
2015	22,9
2020	22,8
2025	23,3

(*) TFE = Número de alunos entre os 5 e os 24 anos em 100 habitantes.

4.2. PROJECCÕES DE POPULAÇÃO POTENCIALMENTE ACTIVA

As projecções de população que exerce uma profissão são dificultadas pela acção de diversos factores: económicos, sociais e até políticos. Com efeito, estes interferem numa forma complexa na evolução das taxas de actividade, segundo a idade e o sexo, dificultando a formulação de hipóteses de comportamento futuro. Assim, por exemplo, o crescimento económico, a extensão da instrução secundária, média e universitária, ou uma nova legislação sobre a idade da reforma, bem como a taxa de incapacidade permanente

para o trabalho, bastam para fazer variar o número de activos. Neste âmbito, calculou-se a população activa potencial com idade superior a 14 anos (idade mínima ¹ para que um indivíduo possa ser admitido ao exercício profissional) até ao início da reforma (65 anos). Esta equivale à população total compreendida neste grupo etário depois de subtraída da que frequenta a escola, de acordo com as perspectivas apresentadas no Quadro IX. Nestas condições, os resultados encontrados indicam um decréscimo, entre 1991 e 2025, de 6,9% (Quadro XII).

QUADRO XII — População potencialmente activa projectada — 1991-2025

(em milhares)

Anos	Grupo Etário dos 15 aos 64 anos			Jovens à (*) procura do 1.º emprego
	População Total	População Activa	%	
1991	6 964,2	6 400,9	91,9	787,4
1996	7 120,8	6 502,9	91,3	738,4
2000	7 095,8	6 450,5	90,9	646,1
2005	7 199,6	6 441,8	89,5	649,0
2010	7 359,4	6 382,1	86,7	622,0
2015	7 338,6	6 020,2	82,0	589,8
2020	7 411,1	6 108,1	82,4	668,6
2025	7 368,4	5 957,8	80,9	599,8
Varição em % 2025/1991	+ 5,8	— 6,9	— 11,9	— 23,8

(*) Segundo a expressão, determinada por Lucília Caetano:

$$G [P (15-19) n - PE (15-19) n] + [PE (15-19) n-5 - PE (20-24) n] + PE (20-24) n-5$$

G — Factor de ajustamento, segundo o quociente de sobrevivência e de actividade.

n — Último censo

n-5 — Quinquénio anterior

P — População total

PE — População escolar

¹ Segundo o artigo 123.º do Decreto-Lei n.º 49 408 de 24 de Novembro de 1969 «só poderão ser admitidos a prestar qualquer espécie de trabalho os menores que hajam completado 14 anos de idade e que possuam as habilitações exigidas» (cfr. *Diário do Governo*, I Série, n.º 275, 24 de Novembro de 1969). Todavia este limite virá a ser ajustado em função da, citada, Lei de Bases do Sistema Educativo que determina a obrigatoriedade de frequência do ensino básico até aos 15 anos de idade.

Esta evolução significa, no contexto sócio-económico, que um quantitativo decrescente de população potencialmente activa terá de prover à subsistência dum crescente número de pessoas que não exercem uma profissão remunerada e dependem daquele.

4.2.1. *Jovens à procura do primeiro emprego*

Igualmente importante, para a economia dum território, é a avaliação da pressão sobre o mercado do trabalho, e em especial no que respeita aos jovens.

De acordo com os resultados encontrados, o Quadro XIII resume o número de jovens, dos 15 aos 24 anos, que se candidatará ao emprego, entre 1991 e 2025.

QUADRO XIII — Projecções de postos de trabalho a criar

(em milhares)

<i>Anos</i>	<i>Jovens à procura do 1.º emprego</i>	<i>Grupo etário dos 60-64 anos</i>	<i>Postos de (*) trabalho a criar</i>
1991	787,4	529,2	+ 258,2
1996	738,4	562,6	+ 175,8
2000	646,1	544,7	+ 101,4
2005	649,0	534,1	+ 114,9
2010	622,0	564,0	+ 58,0
2015	589,8	584,8	+ 5,0
2020	668,6	650,1	+ 18,5
2025	599,8	721,0	— 121,2

(*) Segundo o limite máximo projectado.

Os resultados reflectem, naturalmente, a crescente frequência escolar e o efectivo de população projectada, originando, deste modo, decréscimo de efectivo de jovens potencialmente activos, no ano 2025, relativamente a 1991, que atinge 23,8%.

4.2.2. Reformados

As projecções de população apontam, como já foi referido, para um progressivo envelhecimento da população (cfr. Quadro VII-B). Com efeito, como mostra a Fig. 7, a população com mais de 65 anos de idade aumentará progressivamente; relativamente a 1981 haverá um acréscimo de 36,6%. Saliente-se, no entanto, que esta população será, ainda, avolumada com os activos que por incapacidade física, por doença ou outros motivos anteciparem a reforma. De facto, a curva da participação na actividade econó-

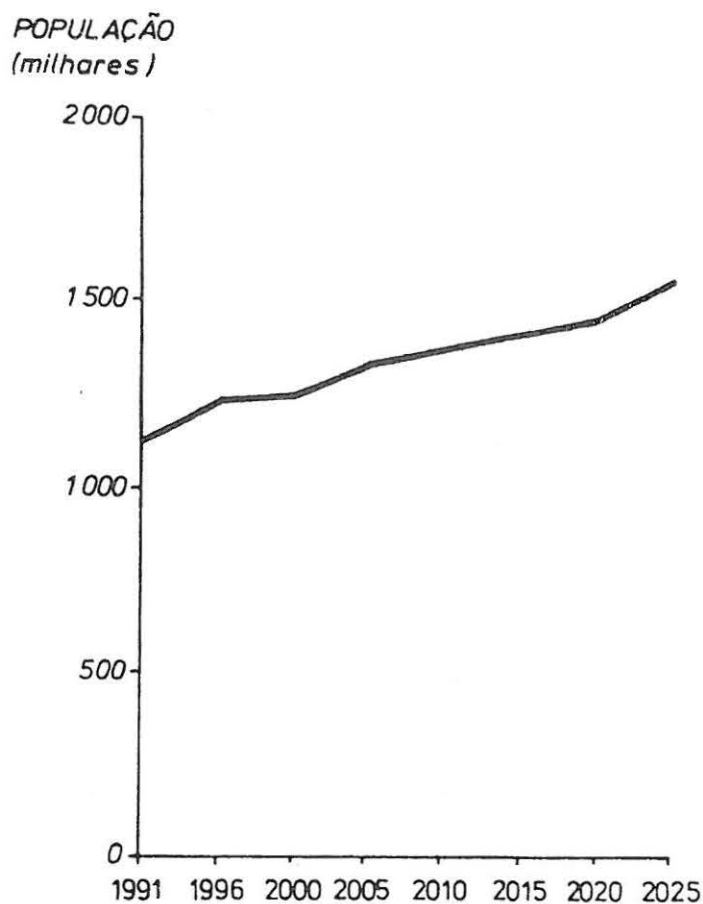


FIG. 7 — Evolução da população com mais de 65 anos de idade — 1991-2025

Fonte: Quadro VI

mica, segundo a idade, indica que o máximo é atingido aos 25-29 anos, baixando gradualmente até aos 65 anos (Fig. 8). Embora as causas, que se relacionam, por exemplo, com incapacidade física, possam ser minimizadas, através de medidas profiláticas e curativas, estas continuarão a fazer sentir os seus efeitos.

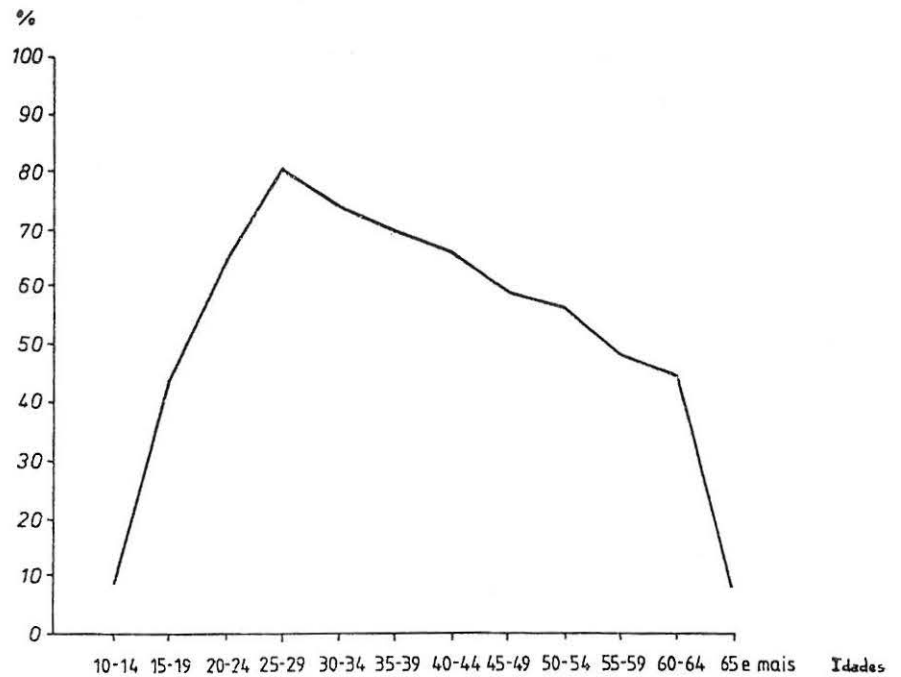


FIG. 8 — Frequência do exercício de actividade económica, segundo a idade — 1981

Fonte: XII Recenseamento geral da população. II Recenseamento da habitação. 1 de Março de 1981, vol. 21, total do País, Lisboa, INE, 1984.

Esta situação interessará aos serviços de segurança social, devido aos custos que comporta a grande porção de reformados.

No entanto, esta evolução poderá conduzir, nas próximas décadas, à solução do desemprego.

Mas, no contexto de rápido crescimento económico, ainda que, acompanhado do progresso tecnológico no domínio da automação, exigirá aumento numérico de activos, que faltarão, no leque etário considerado, com limite

aos 65 anos. Correr-se-á, deste modo, o risco de destabilização no mercado do trabalho.

Assim, parece inevitável o avanço da idade da reforma em função da actividade profissional e das capacidades produtivas do activo, acrescidas em resultado da melhoria da qualidade de vida.

Note-se, todavia, que, neste domínio, as previsões são controversas.

Com efeito, a introdução da automação, ainda que em pequena escala, por exemplo na França e Grã-Bretanha, agravou o desemprego. Porém, nos Estados Unidos da América e Japão, que são os grandes utilizadores de robots e computadores, foram criados mais empregos.

4.2.3. *Postos de trabalho a criar*

Os postos de trabalho libertados pelos adultos, que atingem a reforma, revertem, teoricamente, para os jovens que procuram o primeiro emprego. Deste modo, a diferença entre a entrada e a saída da vida activa permite determinar (independentemente das saídas por incapacidade, que atingem as classes etárias intermédias) o número de postos de trabalho a criar com a finalidade de se atingir o pleno emprego.

As perspectivas indicam que a oferta será superior à procura de trabalho. Com efeito, as projecções da população jovem que procura o primeiro emprego, conjugadas com as da população que atinge a idade da reforma, evidenciam tendência para decréscimo do número de postos de trabalho a criar para responder às necessidades de emprego (Quadro XIII e Fig. 9).

Prevê-se, inclusivamente, que no ano 2025 se atinja um excedente de empregos libertados pela população activa, entretanto, reformada, supondo constantes os limites etários actuais, para o exercício de uma profissão.

5. Conclusão

As projecções segundo a idade e o sexo permitem conhecer a evolução futura da população, partindo de hipóteses sobre o comportamento da fecundidade, mortalidade e migrações. Os resultados obtidos evidenciam a redução do número de jovens e o crescente aumento de idosos. Esta circunstância conduzirá a problemas de vária natureza: de índole social (nomeadamente de segurança social e de medicina específica) e económica (aumento do número de pessoas dependentes dos que exercem uma profissão). Neste âmbito, a população, portuguesa atingirá, no ano 2000, provavelmente, situação demográfica idêntica aos padrões médios europeus registados no

início da década de 1980. Consequentemente, de entre os objectivos que se podem realizar a partir das projecções privilegiaram-se aqueles que interferem em interesses sócio-económicos: frequência e população escolar, nos diferentes graus de ensino, e mercado de trabalho (população potencialmente

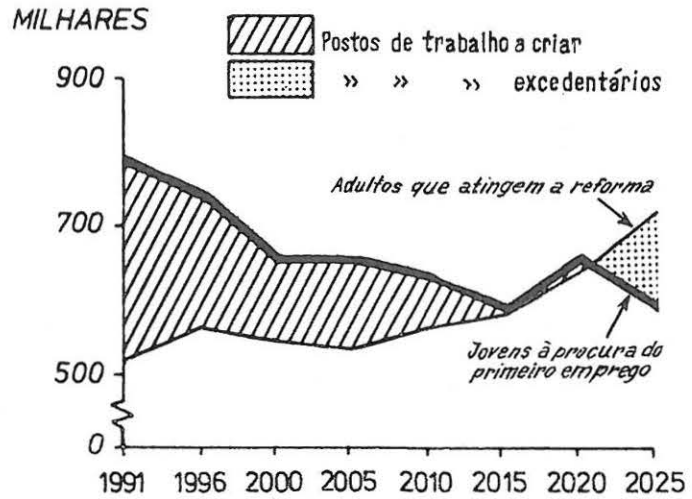


FIG. 9 — Postos de trabalho a criar.

activa, jovens à procura do primeiro emprego e reformados). Perspectivaram-se aumentos de frequência escolar dos grupos etários dos 5 aos 24 anos, que representarão 25% da população total no final do primeiro quartel do século XXI e, simultaneamente, afrouxará a pressão da procura de emprego no mercado de trabalho.

A sociedade deverá estar preparada para enfrentar as situações prognosticadas. Deste modo, as projecções de população quando conjugadas com programas de desenvolvimento, subordinarão as orientações, no domínio sócio-económico, e, inclusivamente, das políticas demográficas.

BIBLIOGRAFIA

- BARATA, Óscar Soares (1985) — *Natalidade e política social em Portugal*, Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.
- BAUMANN, Adeline (Nov. 1983) — «A Europa Enrugada», in *Boletim da Comunidade Europeia*, n.º 9 (Nova série), ano IV.
- CARRILHO, Maria José (Jun. 1986) — *População residente em Portugal. Estimativas intercensitárias, 1971-1980*, INE, Centro de Estudos Demográficos, Folhas de divulgação.
- CÓNIM, Custódio N.P.S. (1977) — «Perspectivas demográficas. Portugal 1975-1990» in *Estudos* n.º 50, Lisboa, Instituto Nacional de Estatística.
- MATTELART, Armand (1964) — *Manual de analisis demografico*, Santiago do Chile.
- PRESSAT, Roland (1972) — *Demographie Statistique*, P.U.F.
- SILVA, Manuela (1985) — «O fenómeno do retorno na dinâmica do emprego e do desenvolvimento regional» in *Desenvolvimento*, n.º 2, Instituto de Estudos para o Desenvolvimento, Lisboa, pp. 115-132.
- ALBUQUERQUE, J. da Costa Brandão e — *Censo de 1864. Relação das freguezias do Continente e Ilhas, população, sexos, fogos, divisão civil, judicial e eclesiástica*, Lisboa, 1966.
- ANUÁRIO DEMOGRÁFICO — Lisboa, Instituto Nacional de Estatística, 1960 a 1967. Continuado por *Estatísticas Demográficas*.
- CENSO DA POPULAÇÃO — 1878, 1890, 1900, 1911, 1920 e 1930. Continuado por *Recenseamento Geral da População*.
- ESTATÍSTICAS DEMOGRÁFICAS — Lisboa, Instituto Nacional de Estatística, 1967 a 1983. Continuação de *Anuário Demográfico*.
- RECENSEAMENTO GERAL DA POPULAÇÃO ... — 1940, 1950, 1960, 1970 e 1981. Continuação do *Censo da População*.
- ESTATÍSTICAS DA EDUCAÇÃO ... — 1980/81 a 1984. «*World Population Year*». *CICRED Séries, 1974*. (Boletins relativos a França e Estados Unidos da América do Norte).